



PARA ONDE OS SONÂMBULOS VÃO?

Yuli Yamagata

Kunsthalle Lissabon, Lisboa, até 7 de novembro

O híbrido parece ser condição onnipresente nestes tempos de dissolução de opostos. É uma característica da cultura que se manifesta nas mais diferentes áreas artísticas e que nos diz tanto sobre a queda de anteriores certezas e compartimentações, como do carácter movediço da matéria criativa. A obra da brasileira Yuli Yamagata (São Paulo, 1989) é tocada por esta dinâmica, mas possui especificidades que a distinguem. Nela, o terno e o “cute” encontram o escabroso e o insólito, e se a sedução visual acontece

sensorialmente é reorientada para a estranheza cultural. Na Kunsthalle, mostra um conjunto alargado de esculturas e “pinturas” que pedem que olhemos para lá da cor. Nas esculturas, a predominância de materiais têxteis enquadra uma variedade de elementos como o silicone, a seda, o gesso ou o feltro. A escolha parece visar não só a sugestão simbólica como também o potencial evocativo do material. As suas obras têm o apetite da textura, mas nunca abandonam o território do pictórico. Estilhaços de humor surgem das imagens invocadas ou da relação entre elas. Veja-se a fatia de queijo com antena de rádio; a maçaroca de loiça com patas de caranguejo; ou os caracóis que brotam de tapetes persas. Pelo meio há referências sexuadas, criaturas informes e gelatinosas. As esculturas parecem piscar-nos o olho e as superfícies das pinturas são, sobretudo, desenhadas sobre superfícies ondulantes e instáveis. Cada peça funciona como uma enérgica centopeia de signos, que se associam com liberdade surpreendente, capaz de reconhecer lugares obscuros e guiá-los por entre imagem e matéria. / **CELSO MARTINS**